

EVANGELIZAÇÃO: REALIZAR A MISSÃO DE DEUS NO MUNDO A PARTIR DA VALORIZAÇÃO DO SER HUMANO E DE TODA A SUA EXPERIÊNCIA DE VIDA

NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou colonização? O risco de fazer missão sem se importar com o outro.* Viçosa: Ultimato, 2015. 158 p.

por Josemar Valdir Modes¹

A autora Analzira Nascimento publica a sua Tese de Doutorado, intitulada *Evangelização ou colonização?*, em parceria com a editora Ultimato. A autora é missionária da Junta de Missões Mundiais e serviu em Angola por 17 anos durante a guerra civil naquele país. É Doutora em Ciências da Religião e trabalha com a Associação de Missões Transculturais Brasileiras e a Associação de Professores de Missões no Brasil, currículo que mostra a sua ampla experiência na área sobre a qual se propõe a escrever e pesquisar. Em sua obra, dividida em quatro capítulos, a autora aborda inicialmente os modelos missionários ocidentais, depois a dimensão do missionário com a postura dominante, trabalha ainda a perspectiva dominante presente no missionário protestante e apresenta uma alternativa missionária para a atualidade que vai em direção oposta a esta dominação histórica praticada.

¹O autor é formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Possui especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdades Batista do Paraná e mestrado (livre) na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente. É mestre em Teologia Pastoral pela Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como pastor na Igreja Batista Emanuel de Panambi e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

Em seu primeiro capítulo a autora apresenta a “crise paradigmática sociocultural e epistemológica que vivemos neste início de milênio” (p. 12) e que tem as suas implicações para as agências missionárias também. Há na atualidade uma crescente valorização e respeito das diferentes formas culturais. Neste universo relativista o monocromático perde seu sentido. Há a necessidade de uma superação de paradigmas estabelecidos e que perdem a sua funcionalidade na presente sociedade.

Na direção das mudanças sociais e de pensamento, a igreja tem o desafio de se adequar aos novos tempos, a partir de uma leitura real daquilo que ocorre ao seu redor. Mudanças têm sempre as suas implicações e desafios, sendo mais fácil falar sobre elas do que promovê-las, principalmente porque os conceitos enraizados na cultura cristã têm longa data histórica e um forte movimento social fomentador: o iluminismo. A era da razão deu para o cristianismo uma cosmovisão alicerçada no “Destino Manifesto” fundamentado num forte nacionalismo e crença na superioridade ocidental sobre as demais culturas, tratando as mesmas numa relação de dominação. Dentro desta cosmovisão, evangelizar é tornar o outro social e culturalmente igual ao estrangeiro que anuncia a mensagem.

Na sequência, a autora desenvolve o seu segundo capítulo a partir de uma retrospectiva histórica no conceito de cristandade sedimentado a partir do quarto século da era cristã, mostrando como a igreja compreendeu seu papel no mundo neste período. A autora destaca também como a expansão territorial por meio da dominação de outros povos influenciou a prática missionária.

A partir de Constantino o cristianismo foi “engolido pela *cristandade*” (p. 51) que nada mais era do que uma nova cultura, um novo estilo de vida altamente preocupado com uma posição social conferida por um império denominado cristão. As cruzadas, centenas de anos mais tarde, conferiram a esta visão seu ponto alto, onde em nome de Deus passou-se a dominar o mundo pela força e a impor este estilo de vida característico. Em suas viagens de “descoberta”, Colombo também carregou a missão de converter todos pela imposição cultural.

Esta forma de realizar missões silenciou completamente os povos dominados, não lhes dando os direitos mínimos necessários e considerando-os inferiores, nem mesmo tendo o direito de serem considerados seres humanos. Em muitos momentos a prática missionária foi uma verdadeira desculpa para a conquista de novos territórios e a preocupação com o outro foi completamente inexistente.

Considerando o século XVI, a autora passa a analisar a expansão missionária

protestante. Embora imbuído de uma teologia diferente, na prática este modelo missionário segue a visão imperialista dominante dos séculos anteriores com a prática monocultural. O próprio puritanismo e o pietismo contribuíram para a prática missiológica deste período, tornando-se o paradigma adotado pelas entidades missionárias.

O puritanismo decorrente de movimentos radicais de reforma na Inglaterra contribuiu para o isolacionismo cristão; já o pietismo, decorrente de grupos radicais da igreja luterana na Alemanha, deu seu valor ao dualismo evangélico, demonstrando uma preocupação com a dimensão espiritual do ser humano apenas, negando todos os aspectos correlatos, como a dimensão social, por exemplo. Estes dois movimentos reformistas estiveram presentes entre os principais imigrantes que formaram a nação dos Estados Unidos da América, nação esta que dominou a ação missionária nos últimos séculos e que perpetuou esta forma de evangelização centrada em denominações isoladas e numa mensagem voltada para a alma do ser humano.

Todas estas abordagens missionárias tiveram seus efeitos e também resultados, pena que menosprezaram as dimensões culturais dos povos alcançados. Ainda bem que as exigências da sociedade contemporânea moveram as entidades missionárias a uma nova forma de pensar sobre a ação missionária para a transposição dos antigos paradigmas. Nesta linha de pensamento de dialogicidade e de descolonização é que a autora descreve seu quarto capítulo.

Há a necessidade da volta de um modelo bíblico de desenvolvimento da tarefa missionária, a necessidade do aprendizado com o erros e acertos do passado por meio de uma postura de revisão educativa contemporânea e a valorização do outro na abordagem evangelística. A autora ainda propõe a retomada do conceito bíblico de missão, que na atualidade é permeado pelos antigos paradigmas e é traduzido pela visão de conquista. Segundo a autora, a missão parte de Deus, é a *Missio Dei* e o ser humano é convidado a se envolver no que Deus está fazendo; ela vai além da tarefa de anunciar, abrangendo o cuidado de toda a criação.

A autora escreve sua obra de forma clara, baseando seus argumentos em toda a sua jornada missionária e nos estudos sobre o assunto. Percebe-se nela alguém que conhece o assunto que trata em cada linha descrita. Além da experiência, a autora manifesta uma grande capacidade de ler a história e relacionar a mesma com o contexto atual por meio de uma crítica de contexto muito contundente. Ao mesmo tempo, o grande volume de informações históricas e o período histórico abordado

(século IV até o século XXI) trazem dificuldades de compreensão de partes do conteúdo porque as informações históricas descritas precisam ser apresentadas de forma sintética. Esta dificuldade de compreensão do conteúdo histórico e dos conceitos profundos que a obra apresenta faz com que a mesma seja recomendada apenas a missionários, estudantes da área e conhecedores da história da igreja cristã.